

O desafio do ensaio jornalístico na graduação

Daniella de Almeida Santos e Eliane Freire de Oliveira¹

1. Ensaio: uma questão de gênero

Antes de qualquer consideração a respeito do tema deste artigo, que se originou de um trabalho solicitado na aula de Redação Jornalística, é pertinente que se esclareçam alguns conceitos que norteiam o conhecimento do gênero *ensaio*.

Primeiramente, é fundamental que se conheça a sua estrutura, ou seja, os elementos que permitem configurá-lo como tal. De acordo com Luiz Beltrão, em *Jornalismo Opinativo* (1980), o ensaio possui uma estrutura bastante semelhante à do artigo, motivo pelo qual muitas vezes se confundem esses dois gêneros jornalísticos. Numa definição bastante minimalista, adotada pelo próprio autor, o ensaio pode ser considerado um artigo longo, e o artigo, por sua vez, um ensaio curto.

Obviamente que isso não diz tudo o que há para se dizer sobre esse gênero tão complexo, mas fornece uma informação elementar sobre sua estrutura: trata-se de um texto dissertativo. Enquanto texto essencialmente argumentativo, o valor da argumentação assume papel decisivo na estruturação.

Ao contrário do artigo, em que a argumentação baseia-se no próprio conhecimento e sensibilidade do articulista (Beltrão, 1980), a argumentação do ensaio apóia-se em fontes que se legitimam pela sua credibilidade documental, permitindo a confirmação das idéias defendidas pelo autor, fato que naturalmente requer, por parte do redator, não só domínio de linguagem no que se refere à coerência e clareza de idéias, mas também um conhecimento erudito bastante desenvolvido para que se possa cumprir a exigência da fundamentação teórica.

Ao primeiro atribuem-se julgamentos mais ou menos provisórios, porque escrito enquanto os fatos ainda estão se configurando; já o segundo apresenta pontos de vista mais definitivos, alicerçados com solidez,

porque tem compreensão mais abrangente do fato e pretende sistematizar o seu conhecimento.

Vê-se, com isso, que o ensaio exige uma complexidade de análise muito maior que a do artigo, característica que torna a elaboração daquele mais trabalhosa.

Além da profundidade de análise e da complexidade da estrutura dissertativa, outro fator que se deve levar em conta é o próprio tema a ser tratado no ensaio, o qual vai desde a impressão causada no escritor por sua própria personalidade ou pela de outrem, até a apreciação ou o julgamento de diferentes realizações humanas.

Desse modo, é lícito afirmar que o ensaio não se limita pura e simplesmente à informação dos fatos, mas origina-se a propósito deles, é fruto da interpretação do redator. Daí a sua linguagem guardar feições literárias, localizando-se num território limítrofe entre o literário e o não-literário; em termos jornalísticos, entre os gêneros opinativo e interpretativo. Assim, um ensaio publicado em jornal ou revista pode ser tanto um gênero do jornalismo opinativo quanto uma forma de expressão da literatura.

Cabe, nesse contexto, apreciarmos o gênero opinativo como aquele em que o ponto de vista é expresso, ou seja, a opinião é o juízo que se faz do assunto. Do gênero opinativo fazem parte tanto o artigo quanto o ensaio, cada qual com particularidades que os diferenciam em relação à estrutura e profundidade. Contudo, nem todos os autores que tratam do gênero opinativo concordam com essa diferenciação. José Marques de Melo (2003: 128) aponta que

o artigo, por sua concisão e oportunidade, presta-se mais à publicação no jornal, sob o risco de ter seus argumentos superados pela própria evolução dos acontecimentos. Enquanto isso, o ensaio, por ser mais longo e

exigir argumentação documentada, figura geralmente nos cadernos culturais ou científicos (cujo compromisso com a atualidade não é tão rigoroso), tendo lugar mais apropriado nas revistas especializadas ou nos periódicos cuja circulação é espaçada.

O autor explica que existe a discussão se o ensaio, a rigor, pode ser considerado gênero jornalístico, já que o fato de um texto ser publicado em um jornal ou uma revista não lhe confere caráter jornalístico. Assim, um ensaio publicado em um veículo jornalístico impresso pode ser um gênero do jornalismo, como também uma expressão da literatura, como já dito. Melo admite, porém, a diferenciação de Afrânio Coutinho (1978) para duas variantes: o ensaio de apreciação, de cunho descritivo, impressionista, pessoal e que corresponde à crônica; e o ensaio de julgamento, regular, metódico, dentro de uma estrutura formal de explanação, discussão e conclusão, em linguagem austera, que mais se aproxima do artigo (Melo, 2003: 128).

No debate sobre os limites entre jornalismo e literatura, que se mostram convergentes na estrutura do ensaio, Daniel Piza (2002: 135) expõe outro ponto importante, uma vez que

o jornalismo brasileiro esquece que há vários gêneros jornalísticos além do chamado *hard news* e das colunas de opinião especializada. Perfis, resenhas, colunas, reportagens impressionistas, ensaios curtos – estes são também gêneros que fazem parte da história da imprensa desde sua fundação, e muito mal praticados no Brasil.

Assim, as dificuldades verificadas no objeto em questão não são privilégio de alunos da graduação, uma vez que os ensaios são textos que pouco espaço ocupam nos meios impressos, salvo exceções com as revistas *Caros Amigos*, *Primeira Leitura*, *Bravo* e o caderno *Mais da Folha de S. Paulo*. Piza (2002:137) defende que é preciso diversificar os gêneros no jornalismo impresso contemporâneo, perder o medo de usar palavras menos óbvias, fugir do lugar comum, costurar melhor descrições e argumentos e

até mesmo acrescentar lirismo aos textos jornalísticos, assim como já o fazem os seguidores do *new journalism*. O desafio, segundo o autor, é suprir a demanda crescente do leitor por análises que desafiem o marasmo vigente. Ao nosso ver, o ensaio é o gênero ideal para tanto.

2. Ensaio e ensaio

Gênero textual abundantemente veiculado em jornais e revistas em circulação em todo o mundo, o ensaio – texto jornalístico pertencente ao gênero opinativo – tem encontrado, pelo menos no universo acadêmico, sérias restrições no que diz respeito à elaboração eficiente e eficaz por parte do estudante de Jornalismo.

Prova disso são as produções de alunos recentemente coletadas (2002), que ilustram a total falta de experiência, para não dizer de conhecimento, com relação à confecção desse tipo de texto.

Essa evidente dificuldade apresentada pelos alunos da graduação é perfeitamente compreensível quando se leva em conta o grau de maturidade tanto lingüística quanto jornalística exigido, o que, entretanto, não deixa de ser um dado digno de pesquisa, visto que, no nível de escolaridade em que se encontram – 4ª série do curso de Jornalismo, portanto iminentes profissionais –, esses alunos já deveriam possuir tais aptidões.

As considerações teóricas já feitas no início deste artigo servirão justamente de base para a análise, ainda que introdutória, de alguns “ensaios” – elaborados pelos alunos da 4ª série do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da Universidade de Taubaté, SP, Brasil – mais representativos do que na verdade não corresponderia a esse gênero discursivo.

Gênero híbrido, é interessante destacar que o ensaio é confundido até mesmo em revistas informativas não-especializadas, em que não raro artigos são intitulados ensaios. Essa ocorrência muito provavelmente também contribui, além de outros fatores a serem discutidos oportunamente, para a descaracterização desse gênero. Conseqüentemente, enquanto leitores, os alunos passam a ser influenciados por esse estilo, que acaba se impondo como padrão.

A título de ilustração, será transcrito a seguir um ensaio para análise, produzido por um aluno:

A dura realidade dos asilos

Precisamos repensar nossos valores. O relatório da V Caravana Nacional dos Direitos Humanos (Março de 2002), ao divulgar as condições marginalizantes em que vivem os velhos, trouxe à tona um problema enraizado na nossa sociedade.

Dezenove mil idosos brasileiros vivem na precariedade de asilos, onde a realidade do cotidiano é vazia de estruturas que levem a um condicionamento sadio e emocional. Não podemos ignorar essa estatística, ela é gritante. O que mais apavora é o abandono com o qual esses idosos convivem. Suas vidas acabam sendo esfaçalhadas pela solidão; vivem em um mundo de silêncio e saudade.

Para o deputado Marcos Rolim, relator da Caravana, nos asilos os idosos não são concebidos como cidadãos. São apenas resquícios, lamentos, lembranças avulsas. Pessoas tratadas absolutamente como incapazes. Esse posicionamento remete à antiga prática dos esquimós, em que os velhos eram abandonados na neve esperando pela morte.

Antônio Barreto, famoso escritor português, retrata bem o que significam as paredes frias de um asilo. Para ele, esses locais acabam afastando os velhos da comunidade; lugares que se tornam guetos, cistos sociais de excluídos. Basta lembrarmos a tragédia ocorrida na Clínica Santa Genoveva, no Rio de Janeiro, onde 94 idosos morreram em apenas dois meses por falta de higiene. A maioria era abandonada pela família, que não estava presente para presenciar a falta de cuidados.

Não podemos continuar nos omitindo. Devemos nos sensibilizar diante dessa triste realidade. O Brasil está se tornando um país de velhos, portanto

cabe à sociedade se redimir dos longos anos em que se mostrou estática e muda.

Esse texto é uma amostra do que foi produzido pela maior parte dos alunos. Como se verifica, o texto possui estrutura dissertativa, pois o autor assume um posicionamento claro com relação à situação precária dos asilos brasileiros, selecionando argumentos que defendem esse ponto de vista. Ocorre que, além da evidente brevidade da análise, considerando o tamanho mesmo do texto, os argumentos praticamente se baseiam em fatos estritamente atuais, o que implica um julgamento mais ou menos provisório, uma vez que eles ainda estão se configurando, ou seja, não estão sedimentados.

Trata-se, sem dúvida, de um texto opinativo, mas que demonstra o não-amadurecimento argumentativo, o que não caracteriza a elaboração de ensaios, em que o aluno deve expor tanto conhecimento erudito, para fundamentação teórica, quanto domínio lingüístico de construções sintáticas mais complexas.

Além de um desenvolvimento bastante superficial, sem profundidade interpretativa, o texto apresenta uma conclusão muito simplista e pouco informativa, que não traduz, na verdade, a conclusão de um raciocínio lógico, antes possui caráter de um alerta perfeitamente dispensável, já que carece totalmente de um efeito persuasivo.

É interessante ressaltar ainda que o tema a ser tratado no ensaio ficou a critério dos próprios alunos, pois deveria basear-se nos assuntos relativos aos trabalhos realizados para a conclusão do curso. Dessa forma, de posse de leitura e material suficientes para tal tipo de produção textual, em tese os alunos teriam condições de redigir, consideradas as limitações presumivelmente impostas pela maturidade acadêmica, um ensaio a ser impresso na revista de autoria deles próprios, fato que não se comprovou na prática.

Ademais, a linguagem empregada não apresenta traços de elaboração mais apurada do plano de expressão. Assemelha-se, justamente pela objetividade predominante, ao texto noticioso.

Aliás, a notícia, cujas restrições pragmáticas visam aumentar a comunicabilidade e facilitar a produção da mensagem, por sua

praticidade estrutural, acaba angariando um grande número de produtores, cada vez mais acostumados à padronização estilística exigida por esse “produto industrial”.

Segundo Lage (1987:16),

do ponto de vista da estrutura, a notícia se define, no jornalismo moderno, como *o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante.*

Essa estrutura acima descrita, chamada “pirâmide invertida”, foi outra marca identificada em muitos dos ensaios recolhidos. Para melhor visualizá-la, transcreve-se aqui uma delas:

Números vergonhosos

No ano de 2000, a Secretaria Estadual do Meio Ambiente promoveu no município reuniões participativas com a população, para a elaboração do Plano de Gestão Ambiental (PGA), para a qual foram convidadas 328 pessoas representantes da cidade. Na reunião de lançamento, participaram de fato 53 pessoas; 85 convites para reuniões preparatórias temáticas foram enviados. Houve a participação de 41 pessoas e finalmente houve o envio de 38 convites para a oficina de planejamento, que contou com a presença de 35 participantes, o que deixa bem claro que a população ainda não está dando o devido valor à questão ecológica.

O trecho acima é visivelmente um exemplo de texto noticioso, embora tenha sido produzido como introdução de um ensaio. O restante do texto segue nessa mesma linha, apenas desenvolvendo alguns aspectos do “lead”.

Essa notável influência do gênero informativo revela a forte tendência dos alunos em produzir textos pouco argumentativos, já que a notícia se pretende axiomática: “não argumenta, não constrói silogismos, não conclui nem sustenta hipóteses” (Lage, 1987:25).

Essa concepção indiretamente estimula o escritor acostumado a esse tipo de texto a

descompromissar-se com um posicionamento; ele se vê, portanto, inseguro para argumentar, e o resultado é a criação de textos muitas vezes confusos e sem objetivo, sem uma visão jornalística perspicaz e interpretativa.

Não se pode ignorar que um fato recorrente em âmbito mundial também seja responsável por esse quadro: a falta de leitura entre os jovens. No que diz respeito especificamente aos jovens estudantes de Jornalismo, a falta de leitura de textos opinativos. A reduzida exposição a esses gêneros textuais reflete-se sobremaneira nos tipos de textos por eles produzidos, conforme discutido e analisado neste artigo.

A questão torna-se, assim, uma faca de dois gumes: se, por um lado, o aluno não tem demonstrado empenho em ler e aperfeiçoar sua capacidade de interpretação e de expressão, por outro a instituição de ensino tampouco tem exercido seu papel de formadora como deveria, já que não consegue habilitar grande parte dos alunos (pelo menos no que se refere à produção de ensaio) a desenvolver aptidões básicas.

Algumas ponderações nesse sentido se fazem prementes, sobretudo porque a Universidade é o espaço em que a reflexão crítica deve ser estimulada, as leituras aprofundadas e a visão sobre a importância de se conjugar teoria e prática está explícita. Assim, nos parece que os alunos de jornalismo tão-somente têm buscado instrumentos que lhes permitam exercitar a técnica, sem a preocupação de uma formação humanística como elo de ligação entre o instrumental e o intelectual. Parece-nos pertinente realçar que sem referências não é possível fazer uso da argumentação. Ora, como é possível argumentar se não conheço o objeto de minha análise profundamente? Tal questionamento fazem, estes sim, os professores, que têm de lidar com a imaturidade e com a superficialidade dos argumentos oferecidos pelos alunos em suas textos.

Cabe, nesse aspecto, fazer uso das idéias expressas por José Marques de Melo (2003: 117) a respeito da estrutura do texto jornalístico opinativo: parte-se sempre da análise de um problema, expresso pela documentação de um fato, ao qual se oferece uma apreciação pessoal. No ensaio, como já dito, essa apreciação pressupõe ancoragem informativa, perspectiva histórica e referencial

analítico. É de se esperar que um aluno que cursa o último ano do curso de Jornalismo (portanto, às vésperas de se formar) perceba a necessidade de um aprofundamento na crítica, com argumentos consistentes, expressos com naturalidade, densidade e concisão. Não é esse o traço, porém, que marca a elaboração dos textos mencionados. Raros são os alunos que demonstram maturidade para o texto opinativo (em sua variedade), quiçá para o ensaio, ao nosso ver o texto de maior profundidade com o qual trabalha o jornalista.

Por outro lado, é papel dos cursos de graduação oferecer suportes para que os futuros profissionais experimentem no âmbito acadêmico as especificidades do mercado de trabalho. Fica claro que trata-se de mera tentativa, no caso do ensaio, mas, a nosso ver, extremamente necessária na medida em que oferece possibilidades de experimentação, ainda que limitada, de algo que nem o jornalista profissional tem possibilidade de exercer.

3. O desafio de todos nós

É mundial o desafio, que hoje enfrentam as instituições de ensino, da falta de interesse dos jovens pela leitura. E essa realidade acaba tendo repercussões diretas no jornalismo. Tanto é verdade que a conquista de novos leitores tem sido um dos principais temas debatidos por entidades internacionais, como a Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), que, em outubro de 2003, abriu a 59ª Assembléia Geral concentrando os debates no futuro do jornal impresso e na liberdade de imprensa nas Américas, realizada em Chicago, EUA (*O Estado de S. Paulo*, 2003).

A discussão acerca do futuro dos diários, ameaçados pelo computador pessoal e pela falta de interesse pela leitura entre o público jovem, revela-nos a outra face da moeda: a patente falta de leitores será em grande parte responsável pela futura falta de escritores, sobretudo de textos que exijam do seu produtor uma bagagem de leitura ampla e uma capacidade expressiva bastante desenvolvida, como é o caso do ensaio jornalístico.

E isso nos preocupa, professores e profissionais da área da Comunicação, em especial porque é também um compromisso

nosso incentivar e estimular a leitura de textos não apenas informativos entre nossos alunos, futuros profissionais. Vivemos na era da informação rápida, em que basta acessar a internet para estarmos a par dos principais fatos que ocorrem no mundo.

Com a mesma rapidez com que são elaboradas, essas informações são facilmente descartadas e substituídas por outras, numa escala ininterrupta de produção. Se, por um lado, privilegia-se a informação atual e objetiva, ganhando-se em tempo – o que não deixa de ser um mérito dos meios de comunicação – por outro, suprime-se a análise e a interpretação, perdendo-se em profundidade.

De acordo com Daniel Piza (2002: 137), o jornalismo e a literatura no Brasil são dois gêneros separados pela língua portuguesa, pois, se a literatura deve perder o medo da realidade, de interpretar a sociedade brasileira em sua complexidade e drama, o jornalismo deve perder a submissão ao que considera ser a realidade, a submissão às versões oficiais e ideológicas sobre os fatos, para conseguir ir além deles.

E este artigo propõe-se justamente a isto: suscitar reflexões metodológicas entre professores e alunos sobre a leitura e produção de ensaio jornalístico, gênero que, como visto, tem apresentado fortes indícios de extinção.

Não reagir a esse fenômeno seria admitir o fracasso do ensino e, o que é pior, sucumbir a imposições da própria mídia, que trabalha com eventos, com fatos, com o aqui e agora, em detrimento do processo, burilado a longo prazo durante os anos de faculdade e desenvolvido no decorrer da vida, assunto, aliás, recentemente discutido no Fórum Mundial de Educação São Paulo, Brasil, em que jornalistas e educadores de vários países analisaram o papel da mídia em rede de cidades educadoras, movimento cujo objetivo é mobilizar educadores de todo o mundo numa campanha contra a exclusão social e em defesa de uma educação como forma de inclusão.

Assim, como professores e profissionais da área da Comunicação, prezar pela qualidade dos profissionais que estão ingressando no mercado de trabalho é, no mínimo, um compromisso ético.

Bibliografia

BELTRÃO, L. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina-Ari, 1980.

LAGE, N. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1987.

MELO, J. M. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão, SP: Mantiqueira, 2003.

PIZA, D. “Jornalismo e literatura: dois

gêneros separados pela mesma língua”. In CASTRO & GALENO. *Jornalismo e literatura: a sedução da Palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 133-137.

SOUSA, J. P. *Teorias da notícia e do jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.

¹ UNITAU (Brasil).